

A DESTRUIÇÃO DA CLASSE OPERÁRIA INGLESA? (*)

Huw Beynon

A razão de eu ter escolhido um título tão provocativo para este artigo é que, vivendo na Inglaterra de hoje, sou levado a pensar em coisas destruídas, em profundas rupturas com o passado e num novo modelo de sociedade em formação. Ao ser eleito líder do Partido Conservador, John Major falou na criação de uma "sociedade sem classes"; sociólogos e cientistas políticos, usando linguagens distintas, discutem agora o "fim das classes". São esses os temas que desejo abordar neste trabalho, fazendo uma referência implícita ao texto clássico de Edward Thompson: *The Making of the English Working Class*.

A classe operária inglesa

A classe operária inglesa é a mais antiga do mundo. Foi ela que serviu de base empírica para os estudos de Marx a respeito da sociedade capitalista. Muitos textos clássicos sobre a história social da Inglaterra foram produzidos dentro dessa linha de pensamento, resultando em importantes reflexões acerca das características da classe operária e de seu impacto sobre a ordem social dos séculos XIX e XX.

A literatura contemporânea, porém, tem acusado as ciências sociais na Inglaterra de obsessão pelo tema das classes. Em sua defesa, pode-se contrapor que a sociedade inglesa sempre foi profundamente marcada por desigualdades, preconceitos e critérios de classe. Na década de 50, a rede ferroviária britânica vendia bilhetes de primeira, segunda e terceira classe e um outro tipo de poltrona chamado de "bilhete de operário". Na linha da retórica atualmente em vigor sobre a sociedade sem classes, um membro do gabinete britânico sugeriu que se pedisse às companhias ferroviárias para providenciarem um serviço de primeira classe para executivos e que, paralelamente, pensassem em algum tipo de atendimento ao pessoal de escritório, um serviço descrito como "barato e agradável". Nos últimos tempos, executivos de empresas transnacionais sediadas na Alemanha, no Japão e nos Estados Unidos têm criticado os padrões ritualizados de separação entre as pessoas vigentes nas companhias inglesas: banheiros, cantinas e restaurantes segregados, áreas de estacionamento privativas etc:

Levando em conta esses fatos, torna-se viável pensar a sociedade inglesa nos moldes da "Longa Revolução" (*Long Revolution*), que Raymond Williams descreveu de modo tão eloquente - um processo em que os padrões industriais e tecnológicos mudam, mas os valores e as crenças permanecem e até se desenvolvem em virtude da continuidade de práticas culturais e formas institucionais de vida adaptadas às novas condições. Dentro desse raciocínio, a classe operária inglesa não teria se "formado" em 1832; conforme uma certa leitura de Edward Thompson poderia levar a crer; na realidade, ela teria passado, e continuaria passando, por um processo de permanente fazer-se e refazer-se, tomando como referência, a cada momento, as instituições e valores já estabelecidos.

As pesquisas que realizei na Ford Motor Company de Liverpool, no final da década de 60, por exemplo, mostraram claramente que até nessa nova fábrica, onde se operava com tipos muito diferentes de organizações e práticas de trabalho, o ativismo sindical articulava-se em torno dos trabalhadores cujas famílias tinham uma história anterior de militância operária. Ou seja, na fábrica da Ford, as antigas noções de classe e de organização se desenvolveram dentro de um novo contexto.

Uma das afirmações que eu gostaria de discutir neste artigo é a de que a "Longa Revolução" teria chegado ao fim. Alega-se que a velocidade das transformações econômicas, industriais e culturais (aliada a uma significativa mudança de rumo na política e ao domínio do neoliberalismo) teria criado um tipo diferente de sociedade; em outras palavras, que a mudança teria derrotado a continuidade. Na Inglaterra de hoje, enquanto alguns enaltecem é comemoram as novas oportunidades, outros lamentam o mundo perdido. As duas reações me parecem igualmente equivocadas.

Uma economia fabril

Já se tornou usual tratar as economias ocidentais que surgiram no pós-guerra como economias "fabris", ou economias "fordistas", cujas características são a concentração em torno de alguns setores industriais fundamentais, dominados por grandes monopólios que empregam uma mão-de-obra numerosa e predominantemente- masculina. As explicações para esse tipo de arranjo foram buscadas na organização do trabalho (produção em massa), nas mudanças nos padrões de consumo (consumo em massa) e na gestão macroeconômica da sociedade por meio de sistemas de provisão de previdência e assistência social (em si mesmos, grandes empregadores monopolistas), de políticas de renda e de controle da demanda. Esses fatores teriam contribuído para a preservação de um estilo de vida de classe operária, cujos componentes básicos seriam os seguintes:

1. O emprego nos setores dominantes significava um "emprego para a vida toda"; portanto, o futuro era previsível e determinado por práticas institucionais de forte conteúdo local.

2. O pleno emprego assegurava uma transição relativamente fácil entre escola e trabalho, especialmente para os rapazes. Por isso, o fraco desempenho escolar da classe operária explicava-se pela predominância de uma cultura fora da escola - a cultura da fábrica - e de uma população masculina precocemente adulta (ver Willis, 1978).

3. Os níveis salariais acompanhavam o ritmo da inflação e os empresários raciocinavam em função de uma "renda familiar", concepção que data do período de 1870 a 1880, quando sindicatos e empresas entraram em um acordo, melhor dizendo, em uma conspiração, para definir um tipo de arranjo pelo qual o acesso das mulheres a determinadas ocupações era limitado por alguns mecanismos formais e informais. Em vários setores industriais e comerciais vigorava uma "barreira de casamento", isto é, ao se casarem, as mulheres imediatamente trocavam o papel de trabalhadoras pelo de donas de casa.

4. Essa associação entre indústria, Estado e sindicato sustentava uma cultura que reunia uma linguagem dos "direitos" a uma noção de "responsabilidade coletiva".

Esses arranjos institucionais tinham uma certa força: de um lado, porque permitiam a preservação e reprodução de um modo de vida dentro de um contexto de relações desiguais de poder; de outro, porque possibilitavam imprimir a marca dos trabalhadores na sociedade e no Estado. Mas também é possível perceber que envolviam uma série de problemas e limitações:

1. A posição das mulheres era muito cerceada. Se a família era vista como o espaço privilegiado da interação emotiva e sentimental, na realidade as relações eram freqüentemente falhas e limitadas. Homens e mulheres muitas vezes não moravam juntos e levavam vidas totalmente separadas: Esses aspectos da vida real foram muito criticados pelas escritoras feministas (ver B. Campbell e outras).

2. O Estado era elemento essencial desses arranjos institucionais. Nas regiões onde eles foram bem-sucedidos (distritos mineradores e siderúrgicos), criou-se uma certa forma de dependência do Estado, juntamente com um padrão de política formal que aos poucos foi se burocratizando e se tornando mais e mais ocioso.

3. A cultura era monolítica, permanecia confinada nos horizontes estreitos de uma nação imperial e reproduzia-se de modo ritualístico. Pouco espaço restava para a inovação e para os grupos marginalizados e minorias (ver Hall, 1992).

Veza por outra esse tipo de crítica se fez ouvir no bojo da exaltação das mudanças que se processavam. Mas essas críticas freqüentemente pecaram por subestimar ou a complexidade das condições políticas e culturais (ver Beynon e Austrin, 1994) ou os efeitos de sua deterioração.

Decadência e fechamento de fábricas: abrindo caminho para uma economia pós-industrial?

A velocidade das mudanças que vêm atingindo a economia inglesa nos últimos vinte anos não deixa margem a dúvidas. Elas têm sido objeto de farta comprovação empírica e interpretadas, com argumentos distintos, como decorrentes das crises da ordem econômica anterior (ver, por exemplo, Aglietta, 1979; Piore e Sabel, 1984). Farei referência a apenas algumas das inúmeras estatísticas disponíveis que demonstram o alcance das mudanças.

De 1979 para cá, aproximadamente 4 milhões de empregos foram perdidos na indústria britânica, números estes

que foram acompanhados pela diminuição de um contingente ligeiramente maior de trabalhadores sindicalizados. O alcance das mudanças pode ser avaliado pela observação do volume total do emprego nos principais setores industriais da velha economia fabril (mineração, siderurgia, indústria metalmeccânica, construção naval e fabricação de veículos). Em 1991, havia mais gente ocupada na hotelaria e nos serviços de alimentação - que empregavam cerca de 1,3 milhão de trabalhadores - do que nas antigas indústrias, tendência que se tem acelerado nos últimos três anos.

Em 1910, as cidades às margens do rio Tyne, no nordeste da Inglaterra, produziram 25% da produção mundial de navios. Em 1994, o último navio foi lançado ao mar - uma fragata para a Marinha britânica - e o último pátio do estaleiro Swan Hunter foi fechado. O dia em que isso ocorreu foi marcado por manifestações exaltadas e de forte conteúdo simbólico, à medida que os operários mais qualificados deixavam o estaleiro, carregando nos braços grandes caixas com suas ferramentas, "as ferramentas do ofício". Fatos semelhantes ocorreram por ocasião do fechamento de usinas siderúrgicas.

Mas o exemplo mais dramático de decadência verificou-se na mineração do carvão. A indústria carbonífera fez parte essencial da economia inglesa durante duzentos anos. Os trabalhadores das minas de carvão emergiram como o grupo nuclear da organização da classe operária no século XX. A um forte sindicato de âmbito nacional, os mineiros somavam uma grande influência na política, resultado do relativo isolamento e da densidade ocupacional dos distritos mineradores. Os trabalhadores das minas elegiam seus próprios representantes no Parlamento, sendo eles apoiados pelo sindicato e por ele indicados. Em 1931, quando o Partido Trabalhista se viu reduzido a apenas 51 deputados, 31 destes eram "deputados mineiros". Foi essa força política que contribuiu para a nacionalização da indústria, em 1947.

TABELA 1

DECADÊNCIA DA MINERAÇÃO DE CARVÃO

| | Minas | Emprego (em milhares) | Produção (em milhões de toneladas) |
|-------------|--------------|---------------------------------|--|
| 1947 | 958 | 704 | 187 |
| 1957 | 850 | 699 | 213 |
| 1967 | 483 | 456 | 177 |
| 1977 | 238 | 242 | 108 |
| 1987 | 101 | 115 | 90 |
| 1994 | 15 | 9 | 40 |

Essa mesma força levou ao grande conflito industrial de 1984/85, quando os mineiros fizeram uma greve de um ano, na tentativa de impedir o fechamento das minas. Os operários da siderurgia e da construção naval haviam parado antes e os estivadores entraram em greve logo depois, mas foi a paralisação dos mineiros que marcou o momento decisivo. Depois da greve, a mineração de carvão praticamente deixou de existir como fonte importante de emprego (ver Tabela 1).

O fato teve um grande impacto sobre alguns distritos mineradores, como os do sul do País de Gales, onde a British Coal fechou todas suas minas (ver Tabela 2). Nas áreas de mineração, as características específicas do mercado de trabalho (como a dificuldade de conseguir operários diante de alternativas mais atraentes etc.) deram origem a distritos muito populosos, nos quais a atividade mineradora dominava o mercado de trabalho masculino (ver Tabela 3). O encerramento total das atividades produtivas criou uma situação de grave crise para as instituições locais de gestão do emprego. A administração do distrito de Easington, perto da mina de Durham, passou a elaborar sistematicamente programas de emprego a partir de previsões sobre as tendências do mercado de trabalho local. Mas, nos últimos dez anos, o ritmo das mudanças tornou supérfluos todos esses programas, visto que a redução do emprego se processou com rapidez muito maior do que previa o pior diagnóstico da administração distrital. Em Easington, no nordeste da Inglaterra, o fechamento da mina de Horden, em 1986, coincidiu com o nível mais baixo jamais alcançado pelo emprego na região; daí

por diante, todas as demais minas do distrito foram fechadas e não houve mais abertura de vagas.

A trajetória desses setores da "economia fabril" encontra explicação tanto na tendência geral de decadência das atividades quanto nas grandes mudanças ocorridas na divisão internacional do trabalho. Hoje, a Inglaterra é grande importadora de carvão e aço. Pela lei das vantagens comparativas, é de esperar que o futuro da economia inglesa resida na especialização em indústrias de ponta, de alto valor agregado e que empregam uma mão-de-obra altamente qualificada. Portanto, se a mineração do carvão pode estar associada a uma imagem de "decadência", outros setores têm sido vinculados à idéia do "novo" e da tecnologia avançada. A revolução causada pela "tecnologia da informação" parece contribuir para essas enormes transformações. Sob este aspecto, a interpretação contida em alguns artigos publicados pela revista *Marxism Today* não difere muito da imagem expressa pelo ministro da Indústria e Comércio do governo conservador, que se referiu à tecnologia do futuro como propiciando à Inglaterra uma situação semelhante a uma "Atenas sem escravos". Nesse futuro, robôs e computadores estimulariam a abertura de novos empregos e eliminariam os postos de trabalho mais penosos e cansativos.

TABELA 2

PAÍS DE GALES: EVOLUÇÃO DO EMPREGO NA MINERAÇÃO DE CARVÃO (1947/94)

| | Nº de minas | Mão-de-obra |
|-------------|--------------------|--------------------|
| 1947 | 214 | 114.923 |
| 1960 | 127 | 83.400 |
| 1970 | 52 | 38.000 |
| 1980 | 35 | 25.328 |
| 1990 | 3 | 1.200 |
| 1994 | 0 | 0 |

TABELA 3
TIPO DE ATIVIDADE NA PETERLEE
CO. DURHAM (1981)

| | Homens | Mulheres | Total |
|-----------------------------------|---------------|-----------------|---------------|
| Mineração | 6.100 | 100 | 6.200 |
| Indústria de transformação | 2.700 | 2.600 | 5.300 |
| Construção civil | 800 | — | 800 |
| Serviços de distribuição | 400 | 900 | 1.300 |
| Administração pública | 700 | 400 | 1.100 |
| Serviços diversos | 600 | 1.700 | 2.300 |
| Outros serviços | 900 | 1.700 | 2.600 |
| | 12.200 | 7.400 | 19.600 |

Indústrias desse novo tipo efetivamente se desenvolveram na Grã-Bretanha; muitas delas ligadas ao setor de defesa e armamentos, que optaram por instalar-se em locais afastados dos centros manufatureiros tradicionais. Essa tendência se torna patente quando se examinam as mudanças na distribuição do emprego industrial por tipo de região (ver Tabela 4). Nota-se que houve um claro movimento de afastamento das grandes regiões metropolitanas e grandes cidades para as "áreas verdes". Manchester, onde moro e trabalho, e que já foi conhecida como a cidade típica da revolução industrial, revela essa tendência de modo insofismável (ver Tabela 5).

As estatísticas mencionadas apontam claramente para uma espécie de dupla transformação da sociedade inglesa. Se nas "antigas regiões industriais" houve um sério declínio do emprego manufatureiro e, em consequência, um crescimento dos níveis de desemprego, em outras localidades introduziram-se novas formas de relações de emprego que igualmente representaram transformações na vida social.

Essa reestruturação vem seguindo de perto a decadência relativa e absoluta da indústria de transformação, fato que se vincula à expansão do emprego no setor de serviços. Atualmente, os serviços são responsáveis por mais de 70% dos postos de trabalho na Inglaterra. Embora esse percentual superestime a velocidade da mudança, já que em parte reflete a tendência das indústrias para a terceirização dos serviços (ver Beynon, 1992), não deixa de apontar para uma modificação bastante significativa. Por esse motivo já se afirmou que a sociedade fordista vem sendo substituída por uma sociedade organizada "à moda do McDonald's" (ver Ritzer, 1993). Outros chamam a atenção para o fim da sociedade moderna e a expansão de uma pós modernidade mais fragmentada e irracional (Lyotard, 1984; Harvey, 1989). Sem dúvida o fornecimento de fast food e o contato diário com pessoas pagas para prestar um serviço podem ser vistos como indicação de uma complexidade maior, tanto da estrutura ocupacional (onde são criados muitos empregos novos, com diferentes tipos de conteúdo de trabalho e posições indeterminadas de classe) quanto do próprio tecido da vida social. Se pensarmos que tudo isso vem junto com a expansão das formas de comunicação e com a globalização da produção e do intercâmbio cultural, somos tomados por uma sensação de perplexidade diante da extensão das mudanças e do que elas pressagiam.

TABELA 4
DISTRIBUIÇÃO DO EMPREGO EM
MANUFATURAS (por região)

| | 1960/78 (base:1960) | 1978/81 (base:1978) |
|-------------------------|-------------------------------|-------------------------------|
| Londres | -42,5 | -15,5 |
| Conurbações | -26,5 | -22,7 |
| Cidades grandes | -13,8 | -17,2 |
| Cidades médias | -2,2 | -16,0 |
| Cidades pequenas | +15,7 | -15,2 |
| Área rural | +38,0 | -10,0 |
| | -11,5 | -16,8 |

TABELA 5

EMPREGO POR SETOR EM MANCHESTER (em %)

| | 1971 | 1974 | 1978 | 1981 | 1991 |
|-----------------------------------|------|------|------|------|------|
| Indústria de transformação | 31 | 29 | 25 | 21 | 17 |
| Construção civil | 4 | 4 | 4 | 4 | 3 |
| Serviços | 65 | 67 | 70 | 74 | 80 |

Dentro desse quadro, vale trazer à discussão o tema do fim da classe operária inglesa, especialmente em face do aparecimento de um discurso que faz uma caricatura grotesca das características desta classe e ameaça sua existência.

As críticas à noção de classe

É certamente impossível compreender as mudanças na sociedade inglesa sem levar em conta as imensas transformações por que vem passando a economia mundial. A posição da Inglaterra na economia internacional continua sendo privilegiada, mas demonstra uma persistente tendência ao declínio e à vulnerabilidade.

O thatcherismo pode ser entendido, pelo menos em parte, como uma tentativa de frear essa tendência à decadência econômica pela ação de uma estratégia audaciosa e radical, que operou em diferentes níveis. Entre estes, o mais importante foi o da desregulamentação dos mercados. O momento do "*big bang*" foi a abertura da City e sua vinculação aos mercados de Wall Street e Tóquio (ver Strange, 1987). A política de investimentos foi igualmente atrelada ao mercado mundial e a abertura ao investimento estrangeiro (que trouxe consigo os interesses das grandes empresas americanas, japonesas e alemãs) tornou-se um aspecto crucial das estratégias local e nacional de reestruturação econômica. Foi assim que a indústria britânica de computadores passou a ser dominada pelos fabricantes japoneses e americanos e a indústria automobilística pelos americanos, japoneses, alemães e franceses. Um aspecto importante dessa política foram as medidas para "aliviar a carga" do Estado das costas da iniciativa privada. O governo britânico recusou-se a assinar o "capítulo social" do novo acordo da União Européia, que buscava determinar direitos universais para os trabalhadores de todos os países da União. Recusando-se a aceitá-lo, o governo inglês alegou que o capítulo representava a imposição de um "imposto sobre o emprego". Dirigentes empresariais e autoridades governamentais dizem hoje que há dois tipos de capitalismo competindo entre si na Europa: o modelo anglosaxão, baseado no neoliberalismo e na desregulamentação da economia; e o modelo alemão, que conserva a previdência estatal paralelamente a esquemas privados de seguridade (ver Albert, 1993).

Na Inglaterra, os sindicatos e a classe operária foram tidos como os dois maiores empecilhos ao processo de renovação da economia. Desde o tempo em que estavam na oposição, Thatcher e seus assessores diretos apontaram os sindicatos e as empresas estatais como obstáculos à mudança. Depois, sucessivos governos conservadores vieram a aprovar leis que limitavam o poder dos sindicatos e privatizavam os monopólios estatais. A essa estratégia econômica somou-se um processo, bastante curioso, de tomar emprestado à esquerda, de modo seletivo, algumas de suas idéias tradicionais. Foi Thatcher quem falou em dar "poder ao povo" e quem criticou o burocratismo e a negligência do funcionalismo público. Mas, em sua retórica, a idéia de sociedade baseava-se na noção de consumidores individuais, em vez de uma coletividade organizada de produtores. Isso significou uma profunda mudança de sentido, que tirou farto proveito das transformações estruturais em curso. No idioma do novo discurso, não havia lugar para "essa coisa chamada sociedade"; todas as formas de relação se dissolviam no formato predominante do consumo e a "valorização do dinheiro" tornou-se o slogan preferido da nova era. O modelo do mercado passou a dominar todas as formas de intercâmbio social. Na década de 80, torcedores de futebol do sul da Inglaterra acompanhando seus times em excursões ao norte do país entoavam monótona e, agressivamente a mesma frase - *Loads of Money ... Loads of Money* -, e acenavam com maços de dinheiro para a torcida adversária, mais pobre. Nas universidades, onde antigamente se ensinava e pesquisava, somos agora estimulados e pressionados a pensar em termos de prestação de serviços educacionais para clientes e no produto da pesquisa para "grupos de usuários".

Nessa tentativa de reconstruir a sociedade, os governos puseram-se a criticar a própria noção de classe social. A vaga noção de sociedade sem classes, defendida por Major, parecia exemplificada pela própria condição de homem comum do primeiro -ministro, salientada como prova cabal. Assim, deu-se ampla divulgação a suas origens sociais (seu pai fora um artista de circo fracassado), a seu fraco desempenho escolar (Major afirma que nem se lembra quantas vezes tirou grau "C" em sua vida de estudante) e a seu estilo de vida modesto. Nesse mundo de meritocracia, a própria noção de classe passou a ser vista como um aspecto irrelevante, apenas um outro dado de um passado duvidoso.' Como para reforçar essa concepção, o governo anunciou, em 1987, sua intenção de alterar os métodos de coleta de dados demográficos. Em 30 de outubro, *The Times* anunciou que "estatísticos do Office of Population Censuses and Surveys (OPCS) decidiram que a classe operária deve ser abolida. Para garantir a desigualdade social, as classes médias e altas também estão sendo abolidas". Essa decisão (mais tarde revogada) foi calorosamente endossada pelo ministro da Saúde e Previdência Social, que afirmou "ver com grande entusiasmo a idéia de uma Inglaterra sem classes".

O tema do consumo e da sociedade sem classes foi difundido através da publicidade, muitas vezes patrocinada por agências estatais, dando novo arranjo a elementos da iconografia da esquerda. Assim, a British Coal usou a fotografia de um mineiro vestindo seu uniforme de trabalho para simbolizar a própria empresa; de modo semelhante, a City de Cardiff utilizou a imagem de Karl Marx para anunciar oportunidades de negócios e nos anúncios da Virgin Atlantic seu método de distribuição de assentos nos aviões é apresentado como um serviço à classe operária. Enquanto imagens desse tipo caricaturavam grotescamente o passado, outros símbolos da antiga ordem eram destruídos. Nas minas de carvão, numa pressa quase indecorosa, as esteiras transportadoras eram desmontadas e as galerias tampadas. Em épocas anteriores, esse processo teria levado anos para ser concluído, mas agora se fazia em meses. Como me disse um trabalhador: "Eu acho que eles estão nos mandando um recado, que agora é mesmo o fllll". As minas, aciarias e fábricas foram transformadas em museus históricos que recriavam o passado, e onde se contratavam ex-operários para encenar seus antigos papéis funcionais. Museus desse tipo foram inaugurados quase diariamente, no final da década de 80. Eles contribuíram para recriar uma imagem do passado que acentuava a simplicidade da vida e dos modos de organizar o cotidiano, um passado por assim dizer "desinfetado", onde predominavam a tradição e a ausência de conflitos. Vários analistas têm chamado a atenção para a maneira como esses e outros empreendimentos culturais tiveram ao mesmo tempo o efeito de reordenar o passado (apagando as marcas de classe) e reafirmar um tipo especial de herança histórica inglesa que, entre outras coisas, exclui as minorias étnicas (ver Gilroy, 1989; Hall, 1992).

Numa entrevista pela televisão, Alan Budd, professor de Economia da London Business School e antigo assessor de Mrs. Thatcher, deixou claro que, por trás dessas iniciativas, havia uma estratégia política muito séria. Falando a respeito das ações governamentais durante a década de 80, ele afirmou o seguinte: "Aumentar o desemprego foi uma maneira muito conveniente de reduzir a força da classe operária (...) o que se procurou forjar - para falar numa linguagem marxista - foi uma crise no capitalismo, que repôs o exército industrial de reserva e permitiu aos capitalistas a obtenção de grandes lucros daí por diante". Nessa mesma linha de raciocínio, a crítica à noção de classe podia ser entendida como uma ação a seu favor e como a criação de diferentes tipos de relações de classe. Interpretações como estas nos induzem a examinar algumas questões empíricas mais específicas a respeito da nova sociedade.

Haverá um nova classe operária?

Toda análise de mudanças comporta uma certa dose de exagero. Em muitos estudos sobre a sociedade pós-industrial e o predomínio cultural do consumo, o emprego na indústria é ignorado, ou aparece sobrepujado por processos automatizados, vigiados por uma mão-de-obra disposta a colaborar e inteiramente absorvida nas novas técnicas de gestão do trabalho em equipe e outras semelhantes. Há também uma tendência para definir o trabalho no setor de serviços como essencialmente criativo e positivo. Pesquisas recentes realizadas na Grã-Bretanha colocam em xeque as duas interpretações.

Apesar do acentuado declínio do emprego na indústria, ainda há cerca de 5 milhões de pessoas ocupadas nesse ramo da economia. A velocidade da mudança técnica tem sido muito rápida na indústria de transformação, mas seu impacto sobre o conteúdo do trabalho não tem sido muito profundo. Com toda certeza pode-se dizer que as mudanças não criaram um operário individualizado e polivalente. Embora seja possível apontar casos de inovação nas práticas de trabalho baseadas na especialização flexível, no funcionamento de cadeias comerciais locais e em sistemas de *just in time* (ver Wood, 1989; Bratton, 1992), os exemplos são raros e pouco freqüentes. O que se tem verificado é a introdução de uma multiplicidade de pequenas mudanças incrementais na organização do trabalho, que são acompanhadas por uma elevação dos níveis de estresse. As novas fábricas de computadores (protótipos do *high tech*) criaram grande número de postos de linha de montagem, que pagam salários muito baixos, freqüentemente para mulheres.

Uma boa parte dos cargos abertos pelos novos setores de serviços são postos de trabalho manual não-qualificado, muitas vezes executado de modo não muito diferente do praticado na indústria de transformação. O McDonald's, por exemplo, declara que "nós fritamos um bife em exatamente 107 segundos. Nossas batatas fritas nunca estão prontas há mais de 7 minutos quando são servidas". Em todas seus pontos-de-venda, o McDonald's "tem como meta atender a qualquer pedido em 60 segundos. Na hora do almoço, num ponto muito concorrido, chegamos a servir 2 mil refeições por hora" (ver Beynon, 1992). Em sua análise da nova sociedade "a Ia McDonald's", Ritzer assinalou que:

Muitas características do fordismo também são encontradas no estilo McDonald's: a homogeneidade dos produtos, a rigidez das tecnologias, as rotinas padronizadas de trabalho, a desqualificação, a homogeneização da mão-deobra (e do freguês), o trabalhador em massa e a homogeneização do consumo (...) nestes e em outros aspectos, o fordismo continua vivo e forte no mundo moderno (Ritzer, 1993, p. 155).

O perfil geral do emprego na Inglaterra inclui 35% da mão-de-obra dedicada a algum tipo de trabalho manual. Torna-se difícil; portanto, verificar tanto o argumento segundo o qual que os operários constituem um grupo. pouco significativo na sociedade quanto o de que suas condições de trabalho induzem à concepção de uma sociedade totalmente individualizada e livre de conflitos.

E igualmente visível que a composição social dessa mão-de-obra manual é muito diferente da que existiu há vinte anos. Atualmente, a classe operária é muito menos homogênea, do ponto de vista social, e inclui uma parcela considerável de minorias étnicas, além de uma crescente proporção de mulheres. O aumento da participação das mulheres na força de trabalho tem se revelado uma característica marcante das mudanças mais recentes. Em 1970, por exemplo, as mulheres representavam 32% da força de trabalho, proporção esta que vinha se mantendo relativamente estável há quase um século. Mas hoje a participação das mulheres aumentou para 46% da mão-de-obra ocupada; boa parte dessas mulheres trabalha meio expediente, freqüentemente menos de dezesseis horas por semana, numa tendência que vem se generalizando em consequência da desregulamentação dos mercados. Cerca de 40% da força de trabalho "oficialmente reconhecida" na Inglaterra encontra-se atualmente empregada segundo um tipo ou outro de "contrato não-padronizado de trabalho", seja como trabalhadores em meio expediente, seja como trabalhadores temporários, ocasionais, por conta própria, franqueados ou domésticos. Nos Estados Unidos, esse tipo de trabalhador se autodenomina "trabalhador hifenizado".

Na Inglaterra, a hotelaria é um bom exemplo dessa tendência. A composição da mão-de-obra hoteleira, em 1971, incluía 36% de homens contratados em tempo integral contra 38% de mulheres na mesma situação, e 5% de homens e 21% de mulheres trabalhando em tempo parcial. Em 1981, essa estrutura tinha sido modificada a tal ponto que os trabalhadores em meio expediente já constituíam a maioria, sendo 33% de mulheres e 11 % de homens. Estudos mais minuciosos dos empregados em tempo integral revelam que uma parcela considerável desse tipo de mão-de-obra trabalhava em bases praticamente informais.

Comentando essa tendência, o jornal *The Times* afirmou recentemente que a "Inglaterra está adotando um estilo

vitoriano de relação de emprego" (19 de fevereiro de 1994). O gerente de uma grande empresa declarou que esse tipo de prática estava levando à "criação de um campesinato industrial permanentemente informal, sem proteção legal e sem perspectivas", acrescentando que "essa situação não pode ser boa nem para as empresas nem para a sociedade" (*Financial Times*, 31 de novembro de 1993). Essa opinião toma ainda maior relevo quando confrontada com os resultados da terceira Pesquisa de Relações Industriais por Estabelecimentos (WIRS 3), onde se concluiu que:

A Inglaterra parece estar se encaminhando para uma situação em que apenas uns poucos trabalhadores poderão dispor de algum mecanismo que lhes permita contribuir de forma mais ampla para o funcionamento do estabelecimento onde trabalham, além da execução de sua própria tarefa" (Milward, 1993).

Formas de organização

O número de trabalhadores sindicalizados na Inglaterra diminuiu em 5 milhões de pessoas desde 1979. O desemprego e o fechamento de empresas que reconheciam a organização sindical explicam esse declínio. A esses fatos é preciso acrescentar as dificuldades de organizar os trabalhadores em muitas das novas empresas e a tendência dos empresários a não mais reconhecer os sindicatos em inúmeras companhias e estabelecimentos. Pesquisa realizada em 1993 pelos Departamentos de Relações Industriais de 98 empresas mostrou que 25 delas tinham deixado de reconhecer os sindicatos durante os doze meses anteriores. Dados da Pesquisa de Relações Industriais por Estabelecimento, mencionada acima, indicam que o não-reconhecimento dos sindicatos (e a abolição do direito de negociação coletiva) é responsável por um considerável decréscimo da sindicalização, cuja taxa de densidade caiu de 54% para 15%.

A redução da taxa de sindicalização e a reação ao não-reconhecimento das organizações sindicais podem ser indícios da expansão do individualismo e do declínio de uma ética de ação coletiva. Há sinais de que a nova liderança do Partido Trabalhista adota essa linha de pensamento, na medida em que vem insistindo em exortar os sindicatos a deixar de agir como pretensas e imperfeitas organizações de classe e a enfatizar o papel de eficientes organizações prestadoras de serviços, capazes de prover benefícios individuais a seus associados. Vários sindicatos têm optado por essa linha de ação e há indicações de que seus membros vêm com bons olhos as novas vantagens de se associarem.

Contudo, uma pesquisa de grande porte recentemente concluída pela Universidade de Warwick contesta veementemente essa interpretação, assim como a importância dos benefícios individuais na formação da opinião dos sócios dos sindicatos. Os autores da pesquisa concluíram que seus dados "chamam a atenção para o fato de que as mesmas razões tradicionais para organizar sindicatos e para associar-se - a necessidade de ter um instrumento coletivo e independente de defesa e promoção de interesses - continuam sendo de grande importância para trabalhadores de todas as ocupações" (Whitston e Waddington, 1994).

Os trabalhadores entrevistados nessa pesquisa mencionaram repetidas vezes a necessidade de ter um instrumento de defesa na eventualidade de ocorrer algum problema no trabalho. Delegados sindicais e representantes nas empresas ressaltaram o comportamento da gerência e o abuso de autoridade como a principal causa dos problemas dos sindicalizados. No conjunto da amostra, apenas 6% dos trabalhadores se sentiam seguros no emprego, principalmente os servidores públicos.

Essas conclusões corroboram a opinião que ressalta a continuidade das relações de poder no contexto de uma rápida reestruturação: Elas revelam as diversas maneiras pelas quais a ação coletiva é utilizada na vida cotidiana das empresas, como recurso para controlar a velocidade das mudanças e para organizar a manifestação de queixas. A pesquisa aponta como principais áreas problemáticas as relações entre os sindicatos e os trabalhadores nos setores não-organizados e o papel dos sindicatos numa sociedade em rápido processo de mudança. As conclusões destacam como problemas mais prementes a situação dos desempregados e a aceleração do padrão de desigualdade na sociedade inglesa.

A falta de emprego e os trabalhadores precários

Inúmeros indícios apontam para um crescimento dos níveis de insegurança e estresse experimentados pelos trabalhadores na Inglaterra. A recente pesquisa *Atitudes Sociais na Inglaterra - 1994* registra uma acentuada elevação da proporção de trabalhadores que consideram a defesa do emprego como a principal função dos sindicatos. Quatorze por cento da amostra tinham tido uma experiência de demissão nos últimos cinco anos, 52% trabalhavam em estabelecimentos onde estavam havendo demissões na época da pesquisa e 80% conheciam alguém que havia sido demitido. Esses dados corroboram os resultados de outras pesquisas que indicam uma elevação dos níveis de estresse,

particularmente nas unidades familiares onde os dois cônjuges trabalham (ver Beynon, 1994). A falência do mercado habitacional e a introdução da "equidade negativa" (*negative equity*) - a má sorte de pagar prestações de uma casa que vale muito menos do que o empréstimo tomado - contribuíram para exacerbar esse processo de estresse e insegurança.

A combinação da desregulamentação dos mercados de trabalho e de capital com os altos níveis de desemprego e a progressiva eliminação dos serviços assistenciais do Estado gerou um mundo que se caracteriza pela *incerteza*. Apenas 6% dos entrevistados de Whiston e Waddington se sentiam seguros no emprego. O súbito colapso do emprego na mineração de carvão combinou-se com a dura experiência de ter de procurar trabalho. Uma pesquisa recente mostrou que, entre os homens demitidos em 1992, 54% ainda se encontravam desempregados um ano depois. Dentre os que tinham arranjado trabalho, apenas 8% ganhavam um salário maior do que o anterior. Na média, os ex-mineiros sofreram uma redução de 33% na renda obtida no novo emprego.

Uma estimativa da magnitude do impacto desses processos gerais sobre o conjunto da estrutura social demonstra claramente que os níveis de desigualdade de renda no país têm se acentuado nos últimos quinze anos. Durante esse período, a proporção da renda total recebida pelas unidades familiares situadas no nível mais baixo da estrutura social sofreu uma queda vertiginosa. O resumo estatístico oficial do *Economic Trends* diz que "a distribuição da renda familiar se tornou mais desigual. A parcela da renda disponível apropriada pelas famílias situadas no quintil inferior da pirâmide de distribuição de renda caiu, entre 1977 e 1988, de 9,7% para 7,6%, enquanto a parcela apropriada pelas famílias do quintil superior subiu de 36% para 42%".

Quanto às rendas reais, observa-se que a parcela apropriada pelo decil mais alto elevouse em 38%, entre 1984 e 1990, enquanto nos dois decis inferiores ela aumentou em apenas 0,7% e 1,8%, respectivamente. Esse grupo de renda mais baixa dispõe de uma poupança que, em média, não excede a 5 libras. Os 10% situados imediatamente acima destes últimos vivem abaixo da linha de pobreza oficialmente reconhecida. Estes são os setores sociais chamados de "marginalizados" ou *underclass*: os desempregados ou subempregados, os aposentados por invalidez, as pessoas que ganham tão pouco que se candidatam a receber do Estado uma renda complementar. Vivem no limite da subsistência e à margem da sociedade; têm pouco ou nenhum contato com sindicatos e recorrem ao apoio institucional dos Citizen's Rights Bureaux ou dos Low Pay Units e demais organizações não-governamentais de assistência social. Embora as minorias étnicas (especialmente os descendentes de indianos, paquistaneses e bengaleses) constituam uma parte considerável desse grupo de marginalizados, a maioria é formada por operários brancos e não-qualificados, cuja proporção vem crescendo rapidamente.

A situação dos jovens permite examinar mais de perto esse processo. O desemprego dos jovens, que já foi visto como uma característica transitória da reestruturação econômica, vem aparecendo agora como um aspecto permanente da vida social, especialmente entre os filhos de famílias de baixa renda e os que não têm nem qualificação nem escolaridade. Nesses casos, é ainda mais dramático o contraste com a antiga cultura fabril, onde a reprodução das relações sociais e da experiência no trabalho se realizava por intermédio de uma rede de parentesco e de amizades. Quando essas redes são rompidas, as pessoas têm de recorrer a agências estatais e a diversos esquemas de treinamento, quase sempre inadequados. Em trabalho recentemente publicado, Willis descreve as diversas maneiras pelas quais os jovens do West Midlands se afastam do mercado de trabalho formal. Esses jovens, especialmente as moças, levam uma vida de grande isolamento social em casa; muito freqüentemente se envolvem com uma multiplicidade de trocas na economia informal (Willis et al., 1989; Willis, 1991) e com o crime organizado. Rapazes da fazenda Meadowell, em West Newcastle, no nordeste da Inglaterra, por exemplo, inventaram um novo tipo de atividade criminosa chamado "*ram raiding*". Trata-se de roubar um veículo de quatro rodas e atirá-lo violentamente contra a vitrine de uma grande loja do centro da cidade. Logo entra em cena um grupo que furta, com grande habilidade, as mercadorias mais valiosas e mais vendáveis. Entrevistado pela televisão, um dos rapazes envolvidos com essa prática descreveu detalhadamente, na linguagem típica do mercado e da cultura empresarial, a perícia implicada na tarefa e discorreu sobre a importância de recrutar as pessoas adequadas. Terminou definindo-se como um empresário. Depois de uma batida policial na fazenda Meadowell e dos conflitos subsequentes, abriu-se um intenso debate público a respeito da pobreza, da violência e da falta de controle sobre os jovens. Na igreja local, discutiu-se muito sobre o papel do demônio.

Conclusões

É evidente que a estrutura social inglesa tem passado por mudanças fundamentais, com profundas repercussões sobre a classe operária.

Mas os fatos tornam difícil concluir que as desigualdades de classe tenham sido reduzidas, ou que as interpretações da sociedade com base em critérios de classe já não sejam válidas.

Contudo, é inquestionável que a solidariedade de classe foi seriamente abalada; além disso, as instituições que antes fundamentavam interpretações coletivas foram muito debilitadas. O enfraquecimento das organizações sindicais dos mineiros e estivadores chegou ao ponto de destruí-las.

É duvidoso, porém, que tudo isso implique o fim da classe operária. Certamente, muitos dos problemas que os operários de hoje enfrentam - tanto no trabalho como em casa - contêm uma dimensão coletiva e podem ser vistos como um eco das questões que vêm sendo levantadas ao longo do século, especialmente no que diz respeito aos temas de cidadania, igualdade e justiça social. A questão da segurança no emprego e o comportamento das empresas transnacionais em toda a Europa, fechando e abrindo unidades produtivas segundo critérios próprios, trazem à baila problemas de democracia econômica e de controle nacional.

Nessas condições, parece-me plausível falar em um *refazer-se* da classe operária (ver, por exemplo, Savage e Miles, 1994). Contudo, qualquer tentativa de determinar as fronteiras de uma *nova* classe operária deixa visível que suas características são muito diferentes da classe que a precedeu historicamente. Para isso muito tem contribuído o ritmo acelerado em que a mudança e a globalização dos sistemas de produção e comunicação vêm se processando. É preciso ainda acrescentar o efeito da alteração da composição da força de trabalho (em termos de gênero e de etnia) e a presença de grandes grupos marginalizados, dependentes do Estado, que ganham salários baixíssimos e, em sua maioria, estão fora da economia formal.

Nesse momento, não temos certeza quanto às fontes de uma ação política e de uma forma de organização social que se tornem capazes de abarcar todas essas diferenças. É possível observar, porém, que há mudanças em curso dentro do Partido Trabalhista, como resposta às novas condições. Para avaliar essas mudanças e outras que possam vir a ocorrer no futuro, é importante lembrar que a história política da classe operária inglesa é mais complexa do que a imagem de um progresso linear poderia fazer crer. O "trabalhismo" foi um tipo particular de resposta política que unificou uma diversidade de grupos conflitantes em diferentes momentos históricos. Os fundamentos da coesão dos grupos ora emergentes em torno de um novo tipo de política de esquerda podem talvez ser encontrados em alguns dos novos ajustes que vêm sendo feitos no interior dos sindicatos, ou no complexo de arranjos informais, cooperativas de crédito e movimentos sociais que apareceram na década passada para dar conta da nova realidade.

Enquanto isso, as pessoas vão sobrevivendo da melhor maneira possível.

Tradução de Vera Pereira

NOTAS

* Conferência apresentada no XVIII Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu, novembro de 1994.

BIBLIOGRAFIA

- AGLIETTA, M. (1979), *A Theory of Capitalist Regulation*. Londres, New Left Books..
- ALBERT, R. (1993), *Capitalism Against Capitalism*. Londres.
- BEYNON, H (1992), "The End of the Industrial Worker?", in N. Abercromie e A. Warde (org.), *Social Change in Contemporary Britain*. Polity _____ (1973), *Working for Ford*. Londres, Allen Lane.
- _____. (1994), "Changes in the Experience of Work", in A. Bryson e S. McKay, *Is it Worth Working? Factors Affecting Labour Supply*, PSI
- BEYNON, H e AUSTRIN, T. (1994), *Manter and Servants: Class and Patronage in the Making of a Labour Organization*. Londres, Rivers Oram Press.
- BRATTON, J. (1992), *The Japanisation of Work*. Londres, Macmillan.
- GILROY. (1987), *There Ain't no Black in the Union Jack, The Cultural Politics of Race and Nation*. Londres, Hutchinson.
- HALL, S. (1988), *The Hard Road to Renewal: Thatcherism and the Crises of the Left*. Londres, Verso.
- HARVEY, D. (1989), *The Condition of Postmodernity*. Oxford, Blackwell.
- LYOTARD. (1984), *The Postmodern Condition*. Manchester, Manchester University Press.
- MORRIS, L. (1994), *Dangerous Classes: The Underclass and Social Citizenship*. Polity
- PIORE, M.J. e SABEL, F.S. (1984), *The Second Industrial Divide*. Londres, Basic Books.
- RITZER, G. (1993), *The McDonaldization of Society*. Pine Forge Books.

- SAVAGE, M. e MILES, A. (1994), *The Remaking of the British Working Class: 1840-1940*. Londres, Routledge.
- STRANGE, S. (1987), *Casino Capitalism*. Londres, Routledge.
- WHITSTON, C. e WADDINGTON, J. (1994), "Why Join a Union", in *New Statesman and Society*, edição de 19 de novembro.
- WILLIS, P (1978), *Learning to Labour*. Saxon House.
- _____. et al. (1989), *77ae Youth Report*. Londres, Sage
- _____. (1991), *Common Culture*. Londres, Hutchinson,
- WOOD, S. (org.) (1989), *The Transformation of Work?* Londres, Hutchinson.